

# Cidadania abre horizontes na Ceilândia

Organização não-governamental dá apoio à população carente. Auxílio judiciário e alfabetização fazem parte do projeto

Fernanda Lambach  
da equipe do Correio

Maria das Graças Alves dos Santos, 48 anos, quer ser escritora. Ela não sabe ler nem escrever, mas está aprendendo e pretende publicar, em breve, um livro com as histórias mais tristes de sua vida. A obra tem tudo para ser sucesso. A história de Maria das Graças é a mesma de milhares de brasileiros que vivem tentando sobreviver, mas têm momentos ricos em poesia e fortes em tragédia.

Quando menina, Maria das Graças, que nasceu no interior do Espírito Santo, foi abandonada pela mãe. Tinha apenas dois anos e pesava somente três quilos. Foi criada por uma "mãe postiça", que a trouxe para Brasília. Casou-se. Teve onze filhos, dos quais sete morreram "de necessidade". "Meu livro vai falar sobre tudo isso, mas não pára por aí", avisa a futura escritora. Segundo ela, o ponto alto do livro será aquele em que contará as experiências que teve ao ser internada em um manicômio, sem estar louca. "Um cunhado meu me mandou internar enquanto meus filhos ficavam em casa sozinhos sem proteção nenhuma, comida ou agasalho", lembra.

## ALFABETIZAÇÃO

Morando na Ceilândia há mais de 20 anos, a futura escritora é hoje uma das alunas de alfabetização da Casa de Justiça e Cidadania (CJC), organização não-governamental (ONG) que visa ensinar a população pobre a ser independente e organizada e conhecer direitos e deveres.

Assim como Maria das Graças, outros 70 moradores da Ceilândia estão aprendendo, desde agosto, quando a casa foi inaugurada, a reconhecer as letras, uni-las para formar palavras e a começar a redigir as primeiras frases. Os resultados obtidos, segundo o responsável pelo programa de educação da casa, Raimundo Nonato Menezes, são positivos.

Basta as pessoas começarem a descobrir os caminhos do conhecimento para buscar algo melhor. "Sou doméstica e estou aprendendo a ler e escrever. Quem sabe daqui a alguns anos poderei trabalhar como secretária em Taguatinga", propõe Raimunda de Souza Marques, 34 anos.

Além do projeto de alfabetização, a CJC desenvolveu programas de assistência judiciária e psicológica. Advogados e estagiários do curso de Direito atenderam, em setembro, 497 pessoas. Desses atendimentos, 71 eram pedidos de divórcio, 43 eram pedidos de separação e 23 estavam relacionados a ações de posse de imóveis. Em outubro, a casa prestou assistência judiciária a outras 613 pessoas.

"Estamos provando para a população que estamos aqui para ajudá-la. Pelo pouco tempo que estamos instalados, o trabalho tem sido um sucesso", diz o presidente da CJC, promotor de Justiça Francisco Leite.

Ele ficou aborrecido, na inauguração da ONG, quando alguns populares mostraram-se descrentes com o funcionamento da casa. "Eles diziam que em dois meses ela seria invadida por marginais. O tempo passou e nada aconteceu", atesta o promotor.

Ronaldo de Oliveira



Maria das Graças aprende a ler e já pensa em escrever um livro para contar as dificuldades que enfrenta para viver. Ela perdeu sete dos onze filhos

## BALANÇO

### O QUE FOI FEITO EM DOIS MESES

Atendimento jurídico a 1.110 pessoas  
Criação de quatro turmas de alfabetização de adultos  
Criação de atendimento psicológico  
Realização do Primeiro Curso de Educação para a Cidadania  
Assinatura de convênio com a Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso

### PROJETOS PARA O FIM DO ANO

Lançamento da Cartilha da Cidadania e do *Jornal da Casa*  
Formação de conselhos de Justiça e Cidadania integrados por populares

### PLANOS PARA 1997

Lançamento de um projeto de educação para o Distrito Federal  
Lançamento do *Disque-Dona de Casa*, que fornecerá pesquisa de preços de produtos da cesta-básica  
Reinício dos cursos de Educação para a Cidadania  
Abertura do plantão de expedição de carteiras de identidade  
Fornecimento de carteiras de trabalho  
Plantão do Sebrae para apoiar micros e pequenos empresários  
Cursos profissionalizantes

## Estagiárias se empolgam

Duas novas estagiárias começaram a trabalhar na Casa de Justiça e Cidadania na semana passada.

Carolina Gonçalves, 22 anos, e Letícia Ravagnani, 21, cursam o oitavo semestre de Psicologia no Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub) e, todos os dias, deixam o Plano Piloto indo para a Ceilândia num percurso nunca feito em menos de 30 minutos.

Elas não recebem nada pelo que fazem, mas estão aprendendo muito. "Vivemos na prática discussões que ouvimos, por exemplo, em aulas de Psicologia Social", relata Letícia.

### VALORES

Ela, que mora na QI 13 do Lago Norte, garante estar mudando muitos valores antigos.

"A gente fica triste por causa de coisas tão pequenas. Não pode ser assim", observa.

As psicólogas trabalham na comissão de frente. Quem procura a CJC com os mais diferentes problemas passa primeiro por psicólogas que definem se é realmente caso para assistência judiciária e tentam ajudar — em acordos entre casais e em casos como o da guarda de filhos.

"Estou achando esse trabalho o máximo. Vale a pena ver o respeito que as pessoas têm por nós", conta Letícia, que volta e meia é chamada de "doutora".

### SERVIÇO

Apenas voluntários trabalham na Casa de Justiça e Cidadania.  
Falta dinheiro para comprar material de trabalho e de alfabetização.  
Quem quiser ajudar na manutenção da casa pode depositar qualquer quantia em dinheiro na agência 161 do Banco de Brasília (BRB), conta 600 005-5. A CJC funciona na EQNN 05/07. A casa não tem telefone.